

Crítica // Natal amargo ★★★★★

Ricardo Daehn

Há 30 anos, o cineasta Pedro Almodóvar se concentrou, em *A flor do meu segredo*, numa personagem que, sob pseudônimo, incorria no desgosto de escrever mal romances que bem vendiam. Agora, com *Natal amargo*, ele aposta em encobrir a vida dos outros que lhe servem de inspiração: vampiriza vidas recicladas, num assumido jogo de autoficção. Rompem-se as relações cuidadosas dispostas no anterior *O quarto ao lado* (2024), e, sob a capacidade de escrever, interferindo nos destinos de pessoas próximas, por meio da ficção, o protagonista (na verdade, são dois) apela para a cartada de usá-las. Com citação do reconhecido sueco Bergman, parcialmente, Almodóvar se apropria do isolamento de *Persona — Quando duas mulheres pecam* (1966) e, por meio de um poster de *A tortura do medo* (1960), indica o compromisso com a obsessão e autenticidade de imagens.

Vinte anos antes da trama contemporânea, liderada pelo cineasta Raúl (Leonardo Sbaraglia), vemos como se comportará a criação dele, a, por vezes, oportunista Elsa (Barbara Lennie), cineasta de filmes rudimentares, de pouca expressão, mas cultuados. Elsa investe na relação com o bombeiro e stripper Bonifácio (Patrick Criado), enquanto Raúl tem as companhias de Mônica (Aitana Sánchez-Gijón) e Santi (Quim Gutiérrez).



FILME DIRIGIDO POR PEDRO ALMODÓVAR EXPLORA A AUTOFICÇÃO AO COLOCAR EM PRIMEIRO PLANO PERSONAGENS QUE LHE SERVEM DE INSPIRAÇÃO

Aitana Sánchez-Gijón vive Mônica: altos ressentimentos

Natal Amargo

WARNER/ DIVULGAÇÃO



Barbara Lennie e Vicky Luengo em *Natal amargo*: referências a Ingmar Bergman

Numa ciranda, pessoas virarão “objeto” de escrita. Com direito a erotismo, à carga de via crucis feminina, autocrítica, rococó narrativo (instigante, diga-se de passagem) e saudação à bela sonoridade (Chavela Vargas é citada, com *La llorona* e com a música que dá título ao filme, enquanto, num show de câmara, a cantora Amaia

Romero entoia *Las simples cosas*), *Natal amargo* leva as pontuações almodovarianas.

Melancólica, a narrativa abre frente para Almodóvar tratar de cinema e do contraste com as plataformas e para rejeitar viver de prestígio, desviando da autocomplacência e se agarrando à “centelha” criativa. Como dito na música, ele prega

o retorno “aos velhos lugares onde se amou a vida”. Toques de sororidade despontam nas subtramas que circundam Natália (Milena Smit), enlutada pela morte do filho e Patrícia (Victoria Luengo), que afoga mágoas (e o celular, dentro de um copo de água). Num reverso de *Dor e glória* (2019), os personagens homens se anulam.

O humor naturalmente se instala no filme, seja na festa da agitada Gabriela (Rosy de Palma), seja na cena da doutora com Bonifácio, num vínculo insuspeito. Mulheres sagazes, que reconhecem amados, não pela imagem, mas pelo “modo de abraçar” trazem as nuances do mesmo criador de *Mães paralelas* (2021) e *Julieta* (2016). Num filme em que há personagem consciente de respeitar “o silêncio” do outro, e no qual há os que correm atrás de redenção, Almodóvar investe no desenho de um cineasta cujos roteiros absorvem, sem intenção, parte da realidade. Examinando a origem da criação nas artes, nos danos a imagens alheias e em convivências em corda bamba, o filme guarda para o final uma explosiva cena que versa sobre liberdade e revelações. No momento, fala alto o talento de Aitana Sánchez-Gijón, numa personagem que toma as rédeas de seu destino.